

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262. Caixa Postal 77285.
26000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

ROSE, A FUTURA ARTISTA DE NOVA IGUAÇU

Rose, 6 anos, mora na periferia de Nova Iguaçu, junto com 6 irmãos e os pais: Erolde, doméstica diarista, e José Messias, sergente de pedreiro. Os filhos mais velhos também trabalham. Somando as contribuições, a "renda" familiar chega perto de 3 salários mínimos por mês. Eles vivem num barraco, adquirido há alguns anos, bem à margem do valão que atravessa o bairro. Não é uma compra feliz, porém. No interior da oradia, sobre o piso de cimento rachado, formam-se poças de água permanentes. Além disso, como o bairro não tem sistema de esgoto ou mesmo fossas sépticas, o valão recebe, com as chuvas, os dejetos de grande número de casas.

As enfermeiras do precário Centro de Saúde do bairro afirmam que há um ciclo infernal de doenças, nas crianças menores de 6 anos. No verão, elas são atacadas de vermes e infecções pela água. No inverno, com as doenças das vias respiratórias. Agora, Rose aparenta estar saudável. Mas, como uma criança fraca, precisou ser hospitalizada antes de completar 3 anos, com anemia profunda. No hospital, conta a mãe, "Rose *gostou também de pneumonia. Ficou com pele rosso e quase morreu*".

As irmãs durante o dia, as crianças menores, inclusive Rose, não têm outro jeito senão brincar no quintal muito úmido, cortado por pequenas valetas, para escoamento da água do terreno. No barraco não há espaço. Com uma área de dez metros quadrados, as paredes são de tábuas e as portas de madeira, a entrada do barraco dá para uma estreita varanda, onde ficam dois sofás, um pequeno chafariz e o fogão.

Como não há mesa. Por uma porta baixa, chega-se ao quarto, totalmente ocupado pelo aparelho de televisão, um guarda-roupa e camas, uma de solteiro e duas de casal. Aí dormem os 9 membros da família. O banheiro, um espaço raso coberto de tábuas, fica do lado de fora. Num canto, há lugar para uma pia. Ali, à noite, depois de esquentar água no fogão, Erolde dá banho nas crianças menores. É quando, como diz a mãe, Rose sempre que, um dia, vai ser artista de televisão. *Retrato do Brasil!*

Forma o texto-base da Campanha da Fraternidade/1987: "A cada dia, nascem mais

crianças brasileiras com dificuldades físicas e mentais; algumas adquirem a deficiência já no seio materno; outras, ao nascer ou ainda no decorrer dos primeiros anos de vida e até mesmo com mais idade. Sabe-se que a grande maioria das deficiências pode ser prevenida, identificada em tempo e tratada. Tomando por base os dados da Organização das Nações Unidas (ONU), tem-se que 10% da população brasileira (13 milhões de habitantes) são deficientes. Sabe-se ainda que mais de dois terços dessa população, ou seja, 8.700.000 pessoas não recebem nenhum atendimento adequado às suas deficiências".

"Muitos Menores, meninos e meninas, são sobreviventes do círculo da miséria que subjuga o Brasil. São, portanto, mal alimentados, afetivamente inseguros pelo abandono de pais e parentes ou pela agressão instalada na família, onde o companheiro da mãe, comumente, não é seu pai, ou a companheira do pai não é a sua mãe".

"Há ainda a situação da mãe que também é operária. É forçada a sair de casa pela carência econômica, não por opção. Quando as empresas não cumprem o que é prescrito em relação às creches, elas não têm com quem deixar as crianças. Quando os parentes estão longe e não há organizações comunitárias de apoio, surgem soluções absurdas entre as mais empobrecidas e desinformadas: deixar as crianças soltas nas ruas ou trancadas (até amarradas ou algemadas) em casa, sozinhas ou sob os cuidados de filhas adolescentes".

"As crianças são eliminadas também do sistema escolar, onde os métodos de ensino, as técnicas de avaliação e os critérios de promoção discriminam o Menor, estimulam a repetência e a evasão escolar. Mais de um terço da população brasileira, em idade escolar, é vítima da inadequação do sistema educacional que, ou impede o acesso à escola (por dificuldade de vaga, documentação, vestuário) ou facilita a exclusão da criança empobrecida. O modelo da escola atual é pautado pelo nível de vida da classe média urbana e não atende às necessidades e aspirações da imensa maioria de nossas crianças e jovens". (F.L.T.)

IMAGEM TROCADA

1. Na mesma noite do mesmo hospital nascem Ariane, branquinha, lourinha, bonitinha, e noutro quarto Aline, moreninha, cabelo encaracolado, lindinha. Nos brancos, o esparadrapo identificador. Depois das cerimônias de praxe, são entregues aos Pais queridos. É tanta a alegria que nada os faz suspeitar. E alegres, felizes vão para casa Luís e Maria das Dores com sua Ariane, branquinha e loura, e Selma e Paulo com a linda moreninha que é Aline. Minha filha, cantam corações alegres em dois pontos da cidade.

2. Em dois lares distantes começa o diálogo do Amor entre a criancinha que se revela, dia a dia, sempre novidades, sempre sedução, e os Pais que, dia a dia, descobrem aspectos novos, inesperados, encantadores desse mundo novo que é toda criança. E ao mesmo tempo se complica de laços, de fios, de tramas, de urdiduras o tecido diáfano, profundo do Amor. Cada dia um mistério que se revela e revela infinitude de mistérios, jamais de todo penetrados. Os olhos, profundos de Amor e de Esperança.

3. Dia a dia o mistério de Aline, moreninha, num lar de brancos puros se torna desafio. Tão diferentes, meu Deus, murmuram os Pais comparando Aline com Michele, a mais velhinha. E abraçam Aline com medo de perdê-la. Noutro ponto outro mistério: como é linda a lourinha Ariane junto com os morenos irmãos, Adriano e Renato. E os Pais morenos abraçam Aline. Da suspeita nasce a procura. Descubram-se: são imagens trocadas por obra e graça de um esparadrapo mal escrito. Quatro corações sangrentos entre a certeza e o doce e ledó engano. (A.H.)

LINHAS PASTORAIS

COMO SE FARÁ O SÍNODO?

Segundo a previsão feita (que pode ser modificada durante a caminhada), o Sínodo terá dois anos: 1987 e 1988. No primeiro ano (janeiro a junho de 1987) se faz preparação intensa das comunidades e das paróquias, dos movimentos e organismos diocesanos. É um esforço importante porque a preparação vai depender a sorte do Sínodo.

Na medida do possível se fará durante o primeiro ano a escolha dos membros do Sínodo — os chamados sinodais — e isto da maneira mais participativa possível. Aí dão origem os cânones do Direito Canônico e as normas particulares da diocese.

- Da boa escolha dos sinodais, como da preparação das comunidades, dependerá também a desenrolar do Sínodo, sua eficiência, suas determinações e normas para o futuro da Pastoral.

- Segundo as previsões (que podem ser modificadas, por ex. prolongando o tempo de preparação das comunidades) no fim do primeiro período, aí por maio ou junho, se fará a "sessão constitutiva" do Sínodo.

- A essa "sessão constitutiva" deverão comparecer todos os sinodais eleitos, segundo as normas do Direito Comum ou do Direito Particular, e nomeados pelo bispo, para criarem seus instrumentos de trabalho: uma Co-

missão Central, um Secretariado, as diversas Comissões Especiais, de acordo com o objetivo do Sínodo.

- No segundo período, previsivelmente de julho a dezembro de 1987, começa o Sínodo propriamente dito nas comunidades. O que aconteceu até aí foi a conscientização e motivação.

- No terceiro período, previsivelmente de janeiro a junho de 1988, começa o trabalho em nível de paróquia propriamente dita. Serão como que pequenos "Sínodos Paroquiais" que levarão no quarto e último período (previsivelmente!) ao Sínodo em nível diocesano, com muitas sessões de trabalho. (A.H.)

4º DOMINGO DA QUARESMA (29-03-1987)

A = Animador; C = Comentador; L = Leitor; MC = Ministro da Comunhão; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista;
* = Indica que se pode usar outro texto.

Cânticos: Missa "QUEM ACOLHE O MENOR, A MIM ACOLHE" — Campanha da Fraternidade-87; CNBB.

(Hoje é o domingo da Alegria. Pode-se colocar flores sobre o altar, tocar instrumentos... A Cor litúrgica é roxo ou rosa).

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA



No seu Reino Jesus deixa entrar,
quem o pobre, o menor libertar: /
"QUEM ACOLHE O MENOR, com
amor, ME ACOLHE", nos diz o Senhor.
Na piscina do Grande Esperado, / Cristo
faz mais um cego enxergar. / Assim eu, por
Jesus batizado, / vejo irmão na criança sem
lar!

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito
Santo.

P. Amém!

S. "Desperta, ó tu que dormes, levanta-te
dentre os mortos e Cristo te iluminará!"

P. (canta): Jesus Cristo é Luz do mundo:
Cristo é nossa Luz! / Jesus Cristo é Luz dos
povos: Cristo é nossa Luz!

S. Pelo Batismo Cristo entrou em nossa vida
e nos despertou para uma vida nova. Agora
é a nossa vez de acordar os outros e abri-
lhes os olhos, para que vejam a Luz, que
é Cristo!

P. (canta): Jesus Cristo é Luz...

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. "O pior cego é aquele que não quer ver",
diz a sabedoria do povo. Entre os muitos
problemas que precisamos ver, está a ques-
tão do Menor abandonado. Nem Deus e nem
nós somos culpados pelo mal que existe,
muito menos o próprio menor. Mas cada um
de nós e, todos juntos, somos responsáveis
por procurar soluções corajosas e busca efi-
caz de libertação. Preparando-nos e celebra-
ndo a Ressurreição vitoriosa de Jesus, dese-
jamos que o compromisso com a caminhada
de libertação do Menor nos ajude a perceber
e assumir melhor a Páscoa. O Menor não
deve ser um problema, mas aquele a partir
do qual se desencadeia a solução duradoura
para os problemas da sociedade, em suas
raízes e conseqüências.

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, Cristo é a Luz do mundo. Só
Ele nos pode arrancar da cegueira, que nos
impede de ver e de amar os irmãos. So-
mente Ele nos pode curar com o seu perdão.
(Pausa para revisão de vida).

S. "Quando alguém grita: 'roubaram o meu
ouro', vem a polícia, vem a multidão. Quan-
do o menor grita: 'roubaram a minha vida',
não acontece nada. O mais importante na
nossa sociedade é o ouro e não a vida.

P. (canta): Piedade, piedade, piedade de nós!

S. É um escândalo violentar essas crianças
e chamá-las de violentas. É um escândalo
roubá-las e chamá-las de assaltantes, tromba-
dinhas, pivetes. É um escândalo oprimi-las
e matá-las e depois queixar-se delas.

P. (canta): Piedade, piedade, piedade de nós!

S. A maior violência à criança é roubar-lhe
a possibilidade de ser criança.

P. (canta): Piedade, piedade, piedade de nós!

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de
nós, abra os nossos olhos, perdoe os nossos
pecados e nos conduza à vida eterna.

P. Amém!

5 COLETA

S. Oremos: Ó Deus, por vosso Filho rea-
lizais, de modo admirável, a reconciliação de
todos os homens. Concedei ao povo cristão
correr ao encontro das festas que se apro-
ximam, cheios de fervor e de fé. Por nosso
Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade
do Espírito Santo. P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

6 PRIMEIRA LEITURA



C. "O homem vê o rosto, Deus vê
o coração". Davi, criança ainda, —
o mais novo e o menos forte —,
é escolhido para orientar o Povo de Deus.

L. Leitura do primeiro livro de Samuel
(16,1b.6-7.10-13a). — Naqueles dias,
o Senhor disse a Samuel: "Enche um
chifre com óleo e vai. Eu te envio a
Belém, à casa de Jessé, porque esco-
lhi um rei entre seus filhos". Assim
que chegaram, Samuel viu Eliab e disse
consigo: "Certamente é este o ungido
do Senhor". Mas o Senhor lhe respon-
deu: "Não se impressione com sua
aparência, nem com sua grande esta-
tura, porque não o escolhi. Deus não
olha como o homem: o homem vê o
rosto, mas Deus vê o coração". Jessé
fez passar diante de Samuel sete filhos
seus, mas Samuel lhe disse: "A nenhum
deles o Senhor escolheu". E acrescen-
tou: "Estão aqui todos os seus filhos?"
Jessé respondeu: "Falta ainda o mais
novo; está tomando conta das ove-
lhas". Samuel ordenou a Jessé: "Man-
de buscá-lo, pois não nos sentaremos
à mesa, enquanto ele não chegar".
Jessé mandou buscá-lo. Ele era louro,
de olhos bonitos e bela aparência. O
Senhor disse: "Levanta-te, unge-o: é
ele!" Samuel tomou o chifre com óleo
e o ungiu no meio de seus irmãos.
E a partir desse momento o espírito
do Senhor se apossou de Davi. —
Palavra do Senhor. — P. Graças a
Deus!

7 CANTO DE MEDITAÇÃO

(Sl 22)

C. É o Senhor quem nos conduz pelos ca-
minhos da fraternidade. Nosso canto é com-
promisso de fazer a sua vontade.

"Quem acolhe o menor e ao bem conduz, me
acolhe", diz Jesus.

Sl. 1. O Senhor é o pastor que me conduz,
não me falta coisa alguma. / Pelos prados
e campinas verdejantes ele me leva a des-
cansar. / Para as águas repousantes me en-
caminha e restaura as minhas forças.

2. Ele me guia no caminho mais seguro, pela
honra do seu nome. / Mesmo que eu passe
pelo vale tenebroso, nenhum mal eu temerei;
/ estais comigo com bastão e com cajado,
eles me dão a segurança.

3. Preparais à minha frente uma mesa, bem
à vista do inimigo / e com óleo vós ungis
minha cabeça; o meu cálice transborda.

4. Felicidade e todo bem hão de seguir
por toda a minha vida / e, na casa do
nho, habitarei pelos tempos infinitos.

8 SEGUNDA LEITURA

C. A bondade, a justiça e a verdade são
sinais de que somos luz e que fomos
pertados da sonolência, que impede o
engajamento social na luta pelo Reino.

L. Leitura da carta de São Paulo ap-
tolo aos Efésios (5,8-14). — Irmãos,
Antigamente vocês eram escuri-
mas agora são luz no Senhor. An-
como filhos da luz! O fruto da
é toda espécie de bondade, justiça
verdade. Procurem o que é agradável
ao Senhor. Não tomem parte nas o-
estéreis da escuridão. Pelo contrá-
procurem antes denunciá-las! Porqu
vergonhoso até falar das coisas
estas pessoas fazem secretamente.
tudo o que é desmascarado é mani-
festado pela luz. E tudo o que é m-
festado torna-se luz. É por isso que
diz: "Desperta, ó tu que dormes,
vanta-te dentre os mortos, e Cristo
iluminará". — Palavra do Senhor.
P. Graças a Deus!

9 CANTO DE ACLAMAÇÃO



Aclamemos, com fé, o Senhor,
nos diz, no Evangelho, co'amo
"Quem acolhe o menor, meu irm-
me acolhe e terá salvação!"

Sl. "Eu sou a luz do mundo: / aquele
me segue não caminha entre as trevas
terá a luz da vida".

10 EVANGELHO

C. Nós somos capazes de ver o mal
de uma pessoa, mas somos cegos ao mal
de injustiça, a violência, o abandono pro-
O cego de nascença quer ver. Curado,
enxerga o mundo e os homens. Abre os
à fé e caminha na construção do Reino.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo
(9,1-41).

P. Glória a vós, Senhor!


S. Naquele tempo, Jesus viu um
de nascença. Os seus discípulos
guntaram a Jesus: "Mestre, quem
cou para que nascesse cego: Ele
os seus pais?" Jesus respondeu:
não pecou, nem os seus pais, m-
para que as obras de Deus se n-
festem nele. Nós temos que rea-
as obras d'Aquele que me enviou
quanto é dia. Está chegando a n-
em que ninguém pode trabalhar.
quanto estou no mundo, eu sou a
do mundo". Dizendo isto, Jesus cu-
no chão, fez barro com a saliva
colocou sobre os olhos do cego. E
disse: "Vá, lave-se na piscina de S-
— que quer dizer Enviado. O
foi, lavou-se e voltou enxergando

inhos e os que antes costumavam o cego, pois ele era mendigo, disse: "Não é ele que ficava sentado vendo esmola?" Uns diziam: "É ele, não!" Outros, porém, diziam: "Não é ele, não, mas parece com ele". Ele, porém, dizia: "Sou eu mesmo". Então eles perguntaram: "Como é que se abriu os seus olhos?" Ele respondeu: "O homem que se chama Jesus fez isso, untou os meus olhos e me disse: 'Vá a Siloé e lave-se!' Então eu fui, lavei e comecei a enxergar". Perguntaram-lhe: "Onde está ele?" Ele respondeu: "Não sei". Levaram o que tinha o cego aos fariseus. Ora, era sábado, dia em que Jesus tinha feito barro com o dedo e aberto os olhos do cego. Então os fariseus novamente lhe perguntaram: "Como é que tinha recuperado a vista?" Ele lhes disse: "Colocou barro nos meus olhos, me lavei e estou enxergando". Disseram, então, alguns dos fariseus: "Esse homem não vem de Deus: ele não guarda o sábado". Mas outros diziam: "Como pode um homem pecador fazer esses sinais?" E havia divisão entre eles. Perguntaram outra vez ao cego: "E você, que diz sobre o homem que abriu os seus olhos?" Ele respondeu: "É um profeta". Então os judeus não acreditaram nele. Ele tinha sido cego e que tinha recuperado a vista, até que chamaram os pais dele e perguntaram: "Este é seu filho que vocês dizem que nasceu cego? Como é que ele agora está enxergando?" Os seus pais disseram: "Sabemos que é o nosso filho e que nasceu cego. Como é que agora está enxergando, isso não sabemos. E quem abriu os olhos dele também não sabemos. Perguntem a ele. É maior de idade; ele mesmo se explicará". Os pais do cego disseram isso porque tinham medo dos judeus. De fato, os judeus já tinham combinado expulsar quem declarasse que Jesus era o Cristo. Foi por isso que os pais disseram: "Ele é maior de idade. Perguntem a ele". Então os judeus chamaram de novo o homem que tinha sido cego. Disseram-lhe: "Dê glória a Deus! Nós sabemos que esse homem é um pecador". Então ele respondeu: "Se ele é pecador, eu não sei. Só sei que era cego e agora estou enxergando". Então os pais perguntaram: "Que é que ele fez?" Como abriu os seus olhos?" Ele respondeu: "Eu já lhes disse e não me lembraram. Por que querem ouvir de novo? Será que também vocês querem tornar discípulos dele?" Então insultaram-no e disseram: "Você é que é discípulo dele! Nós somos discípulos de Moisés. Nós sabemos que Deus falou a Moisés. Mas este, não sabemos onde é". Respondeu o homem:

"Isso é espantoso! Vocês não sabem de onde ele é e, no entanto, ele abriu os meus olhos. Sabemos que Deus não escuta os pecadores, mas escuta aquele que é piedoso e que faz a sua vontade. Jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos de um cego de nascença! Se este homem não vem de Deus, não poderia fazer nada". Eles disseram: "Você nasceu todo no pecado e está nos ensinando?" E o expulsaram. Jesus soube que o tinham expulsado, e ao encontrá-lo perguntou: "Você crê no Filho do Homem?" Ele respondeu: "Quem é ele, Senhor, para que eu creia nele?" Jesus disse: "Você o está vendo; é aquele que está falando com você". O cego curado disse: "Eu creio, Senhor". E se ajoelhou diante de Jesus. Então Jesus disse: "Eu vim a este mundo para um julgamento, para que vejam os que não vêm, e os que vêm se tornem cegos". Alguns fariseus que estavam perto dele ouviram isso e disseram: "Será que também nós somos cegos?" Jesus lhes disse: "Se vocês fossem cegos, não teriam pecado. Mas como dizem que enxergam o seu pecado permanece". — Palavra da Salvação. — P. Louvor a vós, ó Cristo!

11 PREGAÇÃO — PARTILHA

12 PROFISSÃO DE FÉ


 S. Creio em Deus Pai todo-poderoso. P. Criador do céu e da terra...

13 ORAÇÃO DOS FIÉIS

LITURGIA EUCARÍSTICA

* ORAÇÃO DE LOUVOR

14 CANTO DAS OFERTAS

 (Crianças trazem símbolos, objetos ligados à infância...).


1. Bendito sejas, Deus Clemente, pelos dons deste vinho e do pão, / representam o esforço da gente, e vão ser para nós redenção.

Transformai nossa oferta, Senhor, no alimento que dá salvação: / que nos faça, no amor, libertar os menores que vivem sem pão!


2. A mão do menor estendida a pedir um pedaço de pão, / é constante e real desafio, para quem se confessa cristão.

3. São tantas, meu Deus, as crianças, ao relento, sem pão e sem lar! / Como pode o cristão, neste encontro, no menor, seu irmão, não pensar?

15 ORAÇÃO DAS OFERTAS

 S. Ó Deus, concedei-nos venerar com fé e oferecer pela redenção do mundo os dons que nos salvam, e que vos apresentamos com alegria. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!


16 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

 (Compete somente ao Sacerdote. Após a Consagração).

S. Eis o Mistério da Fé:

P. Salvador do mundo, salvai-nos. / Vós que nos libertastes pela Cruz e Ressurreição!

17 CANTO DA COMUNHÃO

 1. Do abismo profundo, dos becos e ruas, / das grandes favelas, de sonbo e dor, / dos tristes cortiços; das noites de frio / de chão das calçadas, clamamos, Senhor! Clamamos, Senhor!


Que a Eucaristia apresse o dia, por nós esperado: / de irmãos libertados, de toda injustiça, de todo pecado.

2. Da fome forçada, da vida negada / na morte apressada, cruel desamor / das grandes manchetes, de olhos vendados, / menores pisados, clamamos, Senhor! Clamamos, Senhor!

3. Das noites escuras, de horríveis cadeias / de loucas torturas, da droga o pavor; / sem ter um futuro de amor e sentido / com medo da guerra, clamamos, Senhor! Clamamos, Senhor!

4. Por fraternidade que faz povo-irmão, / nos dá vida nova a um mundo de amor; / abrindo às crianças caminhos de luz / da fé e esperança, clamamos, Senhor! Clamamos, Senhor!

18 AÇÃO DE GRAÇAS

 S. Oremos: Ó Deus, luz de todo homem que vem a este mundo, iluminai nossos corações com o esplendor de vossa graça. Faremos sempre o que vos agrada e amaremos a vós e aos irmãos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

RITO FINAL

19 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade).

20 BÊNÇÃO FINAL

(espontânea)

21 CANTO DE SAÍDA

Menores abandonados: alguém os abandonou! / Pequenos e mal amados o progresso não os adotou!

Vivem à margem da nossa nação / assaltando e ferindo quem passa. / Tentam gritar do seu jeito infeliz / que o País os deixou na desgraça. / Eu queria somente lembrar, que milhões de crianças sem lar / são frutos do mal que floriu num país que jamais repartiu.

LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: Is 65,17-21; Jo 4,43-54. / 3ª-feira: Ez 47,1-9.12; Jo 5,1-3a.5-16. / 4ª-feira: Is 49,8-15; Jo 5,17-30. / 5ª-feira: Ex 32,7-14; Jo 5,31-47 (S. Francisco de Paula). / 6ª-feira: Sb 2,1a.12-22; Jo 7,1-2.10.25-30. / Sábado: Jr 11,18-20; Jo 7,40-53. / Domingo: Ez 37,12-14; Rm 8,8-11; Jo 11,1-45.

PAI: O PRINCÍPIO SEM PRINCÍPIO

Frei Leonardo Boff

A revelação que o Filho encarnado nos fez do Pai eterno nos permite entrever alguma coisa de sua realidade imanente. Nós somente conhecemos o Pai mediante a revelação do Filho (Mt 11,27), porquanto o Pai representa, por excelência, o mistério abissal. Cada uma das Pessoas é mistério. Mas no Pai o mistério emerge como mistério. Fique assentado que o mistério divino é sempre um mistério de comunhão, de vida e de amor. Não é uma realidade que nos aterra, mas que nos fascina e que nos convida à participação de sua felicidade. A fé diz que o Pai é o princípio sem princípio. Como as demais Pessoas é uma fonte que jorra vida desde toda a eternidade. Ele comunica esta vida em plenitude. Por isso cremos que o Pai "gera" o Filho no Espírito Santo. Como já refletimos anteriormente, o termo "gerar" não significa um desdobramento do Pai; é a forma como o Pai se revela no Filho eter-

no e nele mostra sua fecundidade. O Pai também está junto com o Espírito Santo, "espirando-o" na união com o Filho unigênito. Esta "espiração" não significa que o Pai cause junto com o Filho a terceira Pessoa, o Espírito Santo. O Espírito Santo une Pai e Filho no amor que interpenetra as três divinas Pessoas. Porque os divinos Três estão sempre juntos rezamos igualmente aos Três a mesma oração: "Glória ao Pai, glória ao Filho, glória ao Espírito Santo". Todo o mistério trinitário é impenetrável à razão humana. Não somente agora que estamos aqui na terra. Mas também na eternidade e para todo o sempre. Entretanto, este mistério está sempre aberto à compreensão e à comunhão. Por isso ele é Pai, na medida em que é sem raiz e raiz de tudo o mais; mas também é Filho, na medida em que se revela e se mostra para fora como verdade. É também Espírito Santo na me-

didia em que unifica tudo e se entrega em amor. Quando falamos no Pai nos referimos ao último horizonte de tudo, Aquele que contém e tudo ilumina. A partir dele é possível acolher a Pessoa do Filho e o Espírito Santo. Eles estão sempre juntos simultaneamente. Mas, para podermos entender, sob frágeis sinais e leves acenos, alguma coisa da SS. Trindade devemos sempre começar pelo Pai. Ele é o primeiro na ordem dos iguais, quando queremos estabelecer uma ordem entre as Pessoas trinitárias. O primeiro lugar o Pai, em segundo o Filho e em terceiro o Espírito Santo. Esta linguagem é nossa como expressão da fé. Mas sabemos que, na realidade, ninguém é anterior ou superior, mas que os Três são co-iguais, co-eternos e co-amorosos. Mas na Pessoa do Pai que este mistério igualmente cada Pessoa se mostra singularmente.

EM TORNO DA LITURGIA

A AÇÃO DE GRAÇAS NO ANTIGO TESTAMENTO

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

O povo de Israel no Antigo Testamento fez uma grande experiência da bondade de Deus: a sua passagem libertadora, fazendo daquele povo que não era povo, um povo escolhido, um povo sacerdotal, um povo de reis, herdeiro da terra prometida. Este fato maravilhoso que constitui a experiência da bondade de Deus é chamado páscoa, ou páscoa-fato. Esta páscoa-fato tem dois momentos altos: a páscoa da libertação do Egito, descrito no cap. 12 do Êxodo, cujo símbolo é o cordeiro imolado, e a páscoa da aliança aos pés do Monte Sinai, descrita nos capítulos 19 e 24 do Êxodo. Libertação e aliança são dois pólos da mesma experiência pascal. Depois que este povo tomou posse da terra prometida, começou a celebrar essa manifes-

tação da bondade de Deus, através da páscoa-rito. Fazia-o na triplice experiência do tempo: anual, semanal e diária.

Assim, na experiência anual do tempo, o povo celebrava a páscoa da libertação e da aliança, que Jesus celebrou com os seus discípulos. Na experiência semanal do tempo, experimentado na alternância do trabalho e do repouso, o povo celebrava a obra da criação e da nova criação do povo eleito pela libertação do Egito e da aliança do Sinai. Esta celebração realizava-se sobretudo pelo repouso sabático e a Liturgia da Palavra nas sinagogas. Mas, havia uma terceira modalidade de celebrar os benefícios de Deus, manifestados sobretudo na páscoa. Era o louvor diário, chamado *xemá* vespertino e

xemá matutino. A experiência diária do povo, na experiência de noite e dia, treva e luz, tarde e manhã, tinha a capacidade de evocar a experiência pascal de morte e vida. Pela ação de graças vespertina o povo louvava e agradecia a Deus pelos benefícios na sua história, sobretudo na páscoa da libertação. Pela ação de graças matutina celebrava os benefícios de Deus na sua história, sobretudo a aliança da criação, da aliança Sinai e do alimento diário. Vemos que o povo de Deus vivia em ação de graças, mas uma ação de graças tinha caráter todo especial, a celebração da páscoa anual, que prefigurava a Eucaristia cristã, chamada Missa, ação de graças, ou Eucaristia por excelência.

JESUS E A OBSERVÂNCIA DO SÁBADO

Carlos Mesters

No tempo de Jesus, a lei do sábado, instituída por Deus para promover o descanso, para alimentar a memória e a esperança da libertação, para revelar o sentido do trabalho humano, para provocar a imitação de Deus e a criatividade humana, tornara-se uma lei faraônica; isto é, uma lei opressora. Em vez de servir ao bem e à vida, servia ao mal e à morte (Mc 3,4). Não ficara mais nada da sua beleza inicial. Ora, Jesus, pela sua atividade e pelo seu ensinamento, veio mostrar novamente o sentido verdadeiro do terceiro mandamento.

Preocupado em mostrar que a lei do sábado — como aliás todos os mandamentos da Lei de Deus — está a serviço do povo, Jesus vai agindo. Assim, no dia do sábado, conforme as necessidades do povo que aparecem, ele cura doentes (Mc 3,1-5), permite arranjar espigas para matar a fome (Mt 12,1), manda o doente curado carregar sua cama (Jo 5,10), faz lama com areia e saliva (Jo 9,14-16). Eram coisas que os doutores da lei proibiam, em nome da lei do sábado! Com outras palavras, Jesus se preocupa mais com a vida do povo do que com certas tradições religiosas, transmitidas pelos doutores (Mc 7,1-8). Ele celebra a alegria da cura e diz: "O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado!" (Mc 2,27). Por tudo isso, Jesus foi caluniado. Diziam

que ele era um ateu, um homem sem Deus, pois não observava o sábado do jeito que eles queriam (Jo 9,16).

Jesus, agindo assim, mostrava o sentido verdadeiro do sábado. Aos que o criticavam dizia: "O Filho do Homem é dono também do sábado!" (Mc 2,28). Não aceitava a crítica. Agia e ensinava a partir daquilo que ele mesmo aprendia do Pai: "Meu Pai trabalha, por isso eu também trabalho!" (Jo 5,17). Se Deus, que descansou no sábado, no sétimo dia (Gn 2,2-3), continua sempre ativo, mesmo no sábado, para sustentar a criação, a vida e o povo, então não se pode invocar a lei do sábado para proibir qualquer atividade a favor da vida. Além disso, nos dias de sábado, conforme o seu costume, Jesus ia à sinagoga, para participar da celebração do povo. Junto com os outros, rezava salmos, ouvia leituras, fazia comentários e preces (cf. Lc 4,16-22).

Sábado é uma palavra hebraica. Quer dizer sétimo. A semana tem sete dias, sete feiras: primeira feira, segunda feira, terceira feira, quarta feira, quinta feira, sexta feira e sétima feira (ou sábado). Para os judeus, a "sétima feira", o dia do descanso, é o nosso sábado. É a tradição deles, que já vem desde séculos. Para os árabes, a "sétima feira", o dia do descanso, é a nossa sexta-feira. Para os cris-

tãos, a "sétima feira", ou dia do descanso, é o nosso domingo. Domingo é uma palavra da língua latina. Quer dizer Dia do Senhor. Jesus ressuscitou na "primeira feira" do domingo. Por isso, o primeiro dia da semana passou a ser chamado Domingo, Dia do Senhor. Estas diferenças entre judeus, árabes e cristãos dependem das tradições e dos costumes dos povos e das religiões. O que importa é o sentido do terceiro mandamento. E hoje? O terceiro mandamento é um mandamento que menos se observa, mas que se dê ao trabalhador um dia de descanso por semana. Dá-se o descanso, mas para quê? Para que ele produza mais e sustente a vida, sem ser o sistema opressor. E muitos gostam pouco que devam trabalhar até no domingo, para poder sustentar a família. Outros aproveitam o domingo para sair, pensar na comunidade, sem pensar no seu trabalho, sem pensar na missão que têm. Só trabalham para ganhar dinheiro. Outros são tão esgotados pelo trabalho, não têm mais condições nem vontade de parar, no domingo, para celebrar a esperança da libertação, com os irmãos. Com eles há uma tarefa imensa a realizar, para se chegar a observar, um pouco melhor, o terceiro mandamento.